

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DIÓGENES DOMINGOS FAUSTINO

**Escrita e as psicoses: de todo tratamento psicanalítico possível ao *sinthome*
(versão parcial)**

São Paulo, 2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Diógenes Domingos Faustino

Escrita e as psicoses: De todo tratamento psicanalítico possível ao *sinthome*

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Léia Prizskulnik
Coorientador: Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker

São Paulo

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Faustino, Diógenes Domingos

Escrita e as Psicoses: de todo tratamento psicanalítico possível ao sinthome /
Diógenes Domingos Faustino; orientadora Léia Prizskulnik; co-orientador
Christian Ingo Lenz Dunker. -- São Paulo, 2018.
155 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto
de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

1. Psicanálise. 2. Lacan, Jacques. 3. Escrita. 4. Paranoia. 5. Tratamento. I.
Prizskulnik, Léia, orient. II. Dunker, Christian Ingo Lenz, co-orient. III. Título.

RESUMO

FAUSTINO, D. D. **Escrita e as psicoses: de todo tratamento psicanalítico possível ao *sinthome***. 2018. 155 f. (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Trata-se neste doutorado do aprimoramento teórico e clínico psicanalíticos no que diz respeito à especificidade da escrita, considerando inicialmente haver uma conceituação original sobre a escrita na obra lacaniana, mais especificamente, quando Lacan trata o Real como propriamente sua invenção sintomática em resposta à descoberta freudiana do inconsciente. Pretende-se a partir dessa formulação dizer sobre o que faz e define a escrita como um artifício terapêutico, especialmente, nos casos de paranoia, pontuando-se aqui sua especificidade e diferença em relação à fala. Para tanto, o escopo principal de nossa tese será o estilo de escrita peculiar de James Joyce, tecendo as relações possíveis com a escrita de Schreber. Com o escritor irlandês, trata-se não apenas de trazer suas coincidências com a noção original de escrita, em Lacan com sua teoria topológica dos nós, mas especialmente dar um passo seguinte ao *possível* no tratamento da paranoia, ao qual nos conduziu a elaboração da metáfora delirante nos moldes schreberiano. Lacan atesta a dificuldade em escrever o nó borromeano, uma vez que sua (a)scrita se caracterizaria propriamente como um fazer (*faire*) a partir do qual um saber (*savoir*) poderia ser suportado sem necessidade da suposição de um sujeito. De forma que esta (a)scrita se portará como necessária e autônoma, especialmente, em relação à qualquer formulação que parta de uma linguagem, atrelada ao sentido como efeito significante. A nossa tese é que essa (a)scrita serviria de apoio e provocaria um efeito não apenas de estabilização nos quadros de psicose, ao ser da ordem de um *savoir-faire*, mas também se colocaria como um apoio propriamente para o escritor irlandês, tal como o nó borromeano é um apoio ao pensamento lacaniano.

Palavras-chave: Psicanálise; Lacan; Escrita; Paranoia; Tratamento.

ABSTRACT

FAUSTINO, D. D. **Writing and the psychoses: from every possible psychoanalytic treatment to the *sinthome***. 2018. 155 f. (doctorate) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

This doctorate aims a psychoanalytic theoretical and clinical improvement regarding to the specificity of writing, considering initially that there's an original conceptualization of writing in the lacanian theory, more specifically, when Lacan treats the Real as his own symptomatic invention in response to the freudian discovery of the unconscious. It is intended from this formulation to say what makes and defines writing as a therapeutic artifice, especially in cases of paranoia, punctuating its specificity and difference in relation to speaking. For this the main scope of our thesis will be James Joyce's peculiar writing style, weaving the possible relations with Schreber's writing. With the Irish writer, it is not only a question of bringing the coincidences with the original notion of writing, in Lacan with his topological theory of knots, but especially of taking a next step to the possible treatment of paranoia, which the elaboration of the delirious metaphor in the Schreber's case led us. Lacan attests the difficulty in writing the Borromean knot, because its writing would properly be characterized as a making (*faire*) from which a knowledge (*savoir*) could be supported without a subject supposed. So this writing (*ascrita*) will be considered as necessary and autonomous, especially in relation to any formulation that starts from a language, tied to the sense as a significant effect. Our thesis is that such writing (*ascrita*) would be supportive and would not only have a stabilizing effect on psychosis, but would also be a support for the Irish writer, such as the knot Borromean is a support for Lacanian theory.

Keywords: Psychoanalysis; Lacan; Writing; Paranoia; Treatment.

RESUMÉ

FAUSTINO, D. D. **L'écriture et les psychoses: de tout traitement psychanalytique possible au sinthome.** 2018. 155 f. (Doctorat) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Cette thèse porte sur l'amélioration théorique et clinique psychanalytiques en ce qui concerne la spécificité de l'écriture, considérant initialement une conceptualisation originale de l'écriture chez Lacan, plus précisément lorsqu'il considère le réel comme sa propre invention symptomatique en réponse à la découverte freudienne de l'inconscient. À partir de cette formulation, on entend dire ce qui fait et définit l'écriture comme un artifice thérapeutique, surtout en cas de paranoïa, ponctuant ici sa spécificité et sa différence par rapport à la parole. Pour ce faire, le thème principal de notre thèse sera le style d'écriture particulier de James Joyce, en tissant les relations possibles avec l'écriture de Schreber. Avec l'écrivain irlandais, il ne s'agit pas seulement d'apporter ses coïncidences avec la notion originale d'écriture, chez Lacan, dans sa théorie topologique des nœuds, mais surtout de faire le prochain pas possible dans le traitement de la paranoïa, qui a conduit à métaphore délirante dans le modèle schreberien. Lacan témoigne de la difficulté d'écrire le nœud borroméen, dans la mesure où son écriture se caractériserait à juste titre comme un *faire* à partir de lequel un *savoir* pourrait être soutenue sans qu'il soit nécessaire de supposer un sujet. Donc, cette écriture, (*a*)*scrita*, se comportera comme nécessaire et autonome, en particulier en ce qui concerne toute formulation qui part d'un langage, lié à la signification comme effet significatif. Notre thèse est que cette écriture, (*a*)*scrita*, serait un appui et aurait non seulement un effet stabilisateur sur la psychose, en tant que de l'ordre d'un savoir-faire, mais serait également un support pour l'écrivain irlandais, comme le nœud Borromée est un appui pour la pensée lacanienne.

Mots-clés: Psychanalyse; Lacan; Écriture; Paranoïa; Traitement.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	3
1.1. UMA INTRODUÇÃO SOBRE A FUNÇÃO DA ESCRITA NO CAMPO PSICANALÍTICO LACANIANO.....	3
2. CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE SCHREBER A JOYCE - ENTRE A METÁFORA DELIRANTE E A (A)SCRITA DO SINTHOME.....	11
REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

1.1. Uma introdução sobre a função da escrita no campo psicanalítico lacaniano

Trata-se nesta pesquisa de doutorado do aprimoramento teórico e clínico psicanalíticos no que diz respeito à especificidade da escrita. Considerando inicialmente haver uma teoria original sobre a escrita na obra lacaniana, pretende-se assim dizer sobre os fundamentos teóricos que subsidiem o escrever como via terapêutica e em que medida se sustentam como propriamente psicanalítico, pontuando-se aqui uma especificidade e diferença em relação à fala e, especialmente, sua implicação nos tratamentos de casos paranoicos na área da saúde mental.

A presente pesquisa (2015-) se faz em continuidade da desenvolvida durante o Mestrado (2011-2014), intitulada *O caso Schreber como um testemunho escrito*, na qual dissertei sobre a paranoia de Daniel Paul Schreber, defendendo que na escrita de seu livro autobiográfico, *As Memórias de um Doente dos Nervos* (1905/1984), Schreber encontrou uma via que, considerando as especificidades desta, possibilitou o trabalho de seu delírio, o qual se consagrou na psicanálise com Lacan (1958/1998) como o tratamento possível para esses quadros clínicos.

A escrita schreberiana de suas memórias pode ser definida propriamente como um trabalho acerca daquilo que é revelado a Schreber em sua experiência paranoica. Experiência no sentido de que há um atravessamento desse quadro paranoico mais crítico, seguindo-se a uma estabilização, a qual só pôde advir na medida em que se deu algo que só podemos definir como a construção da uma metáfora delirante (o tratamento possível) e, no caso schreberiano, essa se deu com o apoio da escrita, que aponta aqui como sendo mais que um mero instrumento de registro atrelado à língua falada.

Conforme Schreber, na introdução do seu livro, o objetivo da escrita e publicação de suas memórias seria a tentativa de “expor às outras pessoas, de maneira ao menos inteligível, as coisas suprasensíveis cujo conhecimento me foi revelado há cerca de seis anos” (SCHREBER, 1905/1984, p. 25). Esse período

referido coincide cronologicamente com o do momento em que teria ocorrido o desencadeamento de sua crise psicótica, em 1893, uma de suas primeiras internações no sanatório, e também com o período no qual Schreber relata ter lhe vindo, em *sonho* e *devaneio*, a ideia de que seria bom ser uma mulher no ato do coito. Seguindo o seu texto, ele faz a seguinte observação: “Não posso contar de antemão com um conhecimento completo, uma vez que se trata em parte de coisas que de modo algum se deixam exprimir em linguagem humana, por ultrapassarem a capacidade de entendimento do homem.” (SCHREBER, 1905/1984, p. 25). É esse *sonho-devaneio* que vem a ser a peça central do seu sistema delirante.

Sobre situar isso que lhe ocorre como uma ultrapassagem da linguagem e do entendimento humano, ainda que não possamos atribuir-lhe, apenas por isso, um conhecimento técnico em estudos e delimitações conceituais no campo da linguística, resta-nos ainda que é a partir disso, de um forçamento necessário, que entraria o recurso da escrita em seu caso. Schreber tece claramente essa diferença que sustentamos ao afirmar que sua capacidade de expressar seu pensamento “por escrito” satisfaria qualquer exigência intelectual, uma vez que, em suas próprias palavras “[...] as tentativas de distrair meu pensamento são facilmente superáveis quando posso me expressar por escrito e tenho tempo suficiente para concentrar meu espírito.” (SCHREBER, 1905/1984, p. 259).

Ainda que possamos referenciar, em parte, esses seus argumentos como próprios às suas ideias delirantes, é incontestável sua capacidade e competência escrita ao lermos seu livro autobiográfico, e fica mais evidente se compararmos com o que uma clínica da psicose demonstra de dificuldades ao ser conduzida prioritariamente pela fala. Em suma, essa ressalva nos interessa na medida em que o próprio Schreber aqui já apresenta esse discernimento de que lida com algo que ultrapassa a sua língua materna e que, não sem relação, enfrenta dificuldade em expressar-se oralmente, de tal modo que a escrita se mantém, nessas condições, como uma via na qual poderia melhor assentar a transmissão possível acerca disso que se diz ser testemunha.

Assim, ao colocarmos em relevo o caráter escrito do testemunho schreberiano em seu livro autobiográfico, nos aproximamos da advertência lacaniana, em “*Les non-dupes errent*”, 1974, na qual Lacan afirma que é justamente por o inconsciente ser algo no real que é do lado da escrita que a psicanálise deve

interrogar o inconsciente. No entanto, cabe ao presente trabalho, investigar se a escrita que Lacan faz referência como privilegiada para as investigações psicanalíticas acerca do inconsciente, se equivaleria àquela schreberiana e, caso contrário, em que medida ambas podem se sustentar sob esse mesmo termo.

Considerar a escrita como uma via terapêutica, assim como a fala, e específica para o trabalho do delírio, por se tratar de algo da ordem do Real, nos põe como questão o seu estatuto a partir da perspectiva psicanalítica não só clínica, mas em termos teóricos também. Ambas as vias se imiscuem na medida em que, como propriamente Freud defendeu ao longo de sua obra, a pesquisa, a clínica e a teoria são indissociáveis no campo da psicanálise.

Nada é mais característico do estilo freudiano que a imiscuição do estudo clínico e teórico. Esse é um aspecto importante a ser ressaltado em termos epistemológicos, uma vez que a imbricação teoria-prática é própria da psicanálise e constituinte daquilo que a obra freudiana nos testemunha tão vivamente. Um vislumbre disso se faz ao termos grandes casos clínicos (Dora em *Estudos sobre a histeria*, 1905; "O Homem dos ratos" em *Observações sobre um caso de neurose obsessiva*, 1909; Schreber em *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em uma autobiografia*, 1911, etc.) como paradigmáticos para a psicanálise.

Freud construiu o campo psicanalítico a partir dos impasses de sua clínica, formulando seu método de tratamento e assim reformulando a própria teoria psicanalítica. Podemos fazer essa leitura também partindo daquilo que Dunker (2011) propõe ao defender a psicanálise como uma clínica, na qual, estruturalmente, seus elementos (semiologia, diagnóstica, etiologia e terapêutica) têm homogeneidade e covariância entre si. É a partir desse ponto que legitimamos a abordagem clínica (o tratamento de pacientes paranoicos), mas que flagrantemente não está e por isso não deve ser dissociada de seu aporte teórico. Considerar a escrita como uma via com especificidades e com estatuto próprio, requer primeiramente o pleno desenvolvimento de um trabalho teórico, uma vez que aqui colocamos em questão proposições conceituais centrais no campo da psicanálise: linguagem, língua, fala e estas em suas possíveis relações com a escrita.

Tratando-se mais especificamente da escrita em relação à experiência clínica, Lacan ressalva que “a psicanálise é outra coisa. Ela passa por um certo número de enunciados. Não está dito que ela coloca na via de escrever. [...] Não está de modo algum definido que, com a psicanálise, vai se conseguir. Isso supõe uma investigação, propriamente falando, a propósito disto que significa escrever” (LACAN, sessão de 11 de maio de 1976, tradução nossa)¹. Essa investigação que Lacan aponta dá justamente relevância à presente pesquisa: um aprimoramento da teoria psicanalítica acerca da especificidade da escrita em psicanálise, considerando inicialmente haver uma teoria original sobre a escrita no ensino lacaniano e, em especial, investigando se há elementos nesta que subsidiem o *escrever* como um *artifício* possível e sua aplicação no tratamento dos quadros clínicos de paranoia.

Todavia, para entendemos a função da escrita para a psicanálise, é preciso inicialmente considerar de qual lugar nos situamos para dizer sobre tal e tecer também suas diferenças com outras áreas relevantes no tema, as quais implicaram de alguma forma o campo psicanalítico. Em relação a isso, abordaremos as formulações de Derrida acerca da primazia da *phone* que se dá em detrimento da escrita e também, especialmente, o campo da linguística com Saussure, uma vez que nesta podemos vislumbrar uma implicação inicial importante para as elucubrações lacanianas iniciais acerca da psicanálise como ciência da linguagem habitada pelo sujeito. Desta forma, circunscrever nossa perspectiva de trabalho quer dizer simplesmente considerarmos que a presente produção parta e tire consequências do discurso do analista para dizer sobre a escrita.

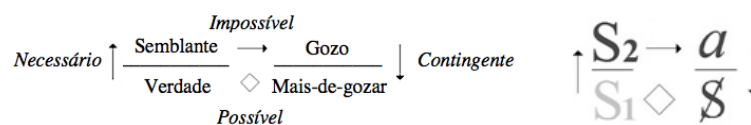


Figura 19. Discurso do Analista

Assim, considerando as formulações expostas neste discurso, dizemos que a intervenção do analista, no semblante de *a*, produziria os significantes mestres (*S1*'s), os quais como se percebe na estrutura, mostram-se impotentes (\diamond) em fazerem-se implicar no saber, *S2*, uma vez que, como as produções do inconsciente (lapsos, sonhos e sintomas) atestam, estas resistem a qualquer sentido inequívoco. Isso não é sem relação com o fato de aqui, no inconsciente, se trata antes da

¹ Trecho retirado da estenotipia da sessão de 11 de maio de 1976 (Seminário XXIII) disponibilizada no sítio da École Lacanienne de Psychanalyse.

instância da letra, ou seja, já adentrarmos em uma ordem que merece suas distinções em relação ao significante propriamente entendido e atrelado ao efeito de sentido. A ordem da escrita assim se faz presente na medida em que tais produções são tomadas como cifras possíveis que insistem não apenas em serem decifradas, mas de onde também emergiria o gozo próprio e necessário ao andamento do dispositivo analítico.

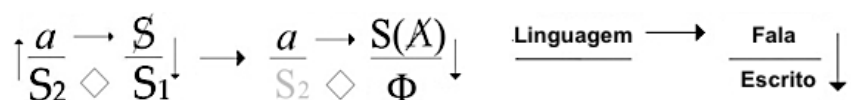


Figura 20. Discurso do Analista (DA) ; Reformulação de DA.

Vejamos que, nessa segunda formulação, Lacan (1973) substitui o S_1 , no lugar da produto, por Φ , e ele o faz para nos pontuar que ali se trata desse significante mestre como assemântico, ou seja, não faz relação com o saber, porque ele se assemelha justamente a isso que não cessa de tentar se escrever e repete sempre porque jamais se pode ter sucesso em fazer algo do Real ter sentido. Então, o Φ funciona aqui como letra, isto é, vai além da função significante do falo e é por isso que as produções inconscientes na análise estão lá para serem lidas e, nessa leitura, se supõe senão a função do sujeito, o qual, dada a função fálica, torna-se leitor, porque o Φ está aqui propriamente em sua função de escrito.

Deste modo, pode-se dizer que, em uma análise, é preciso partir da ideia de que se trata de fazer o analisante aprender a ler, já que não se pode fazer com o Real venha aí apresentar qualquer sentido, senão delirante. Em outras palavras, o sujeito do inconsciente pode ser definido como aquele *suposto saber ler* (LACAN, J. S20, 1973) essas cifras (o saber inconsciente), já que a operação toda da linguagem será justamente cifrar o impossível do Real. É essa implicação da instauração no discurso do analista, fazer com que analisante aprenda a ler, mas isso não implica diretamente levá-lo a escrever. Aqui já se trata de outra coisa, como abordaremos nesta tese.

Uma outra consideração a se ter é que o uso das letras, destacadas do efeito de sentido significante, pode ser tido como identificando apenas uma função, ou seja, letras diferentes para funções diferentes, as quais ainda assim podem ser lidas de um certo modo pelo sujeito. Por exemplo, podemos ler que *a* representa aqui a

função da língua, o S(~~A~~) da fala, e o Φ da escrita, como isso que não cessa de não se escrever.

Desta forma, para a presente tese, é importante considerar que a escrita, nisso que as letras a constituem, não estão na mesma ordem do significante uma vez que a este deve ser sempre suposto, pelo deslizamento da cadeia significante, o sentido como efeito. De modo que o significante deve permanecer, para tanto, associado à sua função de fonação, ou seja, àquilo que se escuta e se entende em uma fala. Isso porque esta última sempre comporta em si mesma a compreensão, isto é, o significante atrelado ao sentido, a partir da perspectiva do campo da linguística, a inventora original desse termo.

Então, se considerarmos o campo da linguística, em Saussure, teremos que os significantes são acoplados ao significado, formando o signo linguístico, ou seja, não haveria esta barra, como no discurso analítico, garantia da hipótese do inconsciente e central na psicanálise. O significante (mensagem) estará sempre como tradução, dando um significado a um pensamento, isso porque se omite, neste campo, o objeto *a*, como a função interveniente e própria a isso que se desenrola como linguagem.

O sentido não é o que se ouve, mas antes o significante, sendo, então, o primeiro apenas *efeito significante*, e por isso, a letra, ao poder se isolar da função fonemática, se prestaria a suportar esse esvaziamento do sentido próprio a uma aproximação da ordem do Real, fundamento da clínica psicanalítica. Não é sem razão a colocação da barra (S/s) entre ambos: ela quer dizer que o que quer que venha a ser emitido através do significante não tem qualquer compromisso com o sentido revelado e, com isso, já estamos passando para essa ordem da escrita, porque nesta não é necessário a aderência irrestrita à função de fonação e significação inerentes à língua e, por consequência, emergência de um sentido. Então, é essa possibilidade da escrita que deveremos dar destaque em detrimento daquela considerada apenas reflexo gráfico da oralização.

Os textos dos *Escritos*, os quais são qualificados como *poubelliciation*² por Lacan, são de leitura difícil, e ele próprio admite que foram feitos propositalmente dessa forma para dificultar qualquer atribuição ou emergência espontânea do sentido (LACAN, J. S20, 09/01/1973). Então, ele escrevia para não ser

² *Poubelliciation* : neste neologismo Lacan junta *poubelle* (lixeira) *publication* (publicação).

compreendido prontamente na medida em que forçava sua escrita em direção a esse impossível do Real, tal qual se faz em uma análise, já que se o analista passa a compreender isso que seu analisante fala em sessão, não haverá ali possibilidade de análise.

Por isso, vemos que Saussure tratará de separar isso que seria da ordem da escrita em relação ao que concerne ao seu campo de estudo, a saber, a língua, o sentido. Então, trata-se aqui de reafirmar tal distinção, sem a qual não avançaríamos naquilo que a teoria lacaniana reserva de propriedade exclusiva para a escrita.

Por isso, o escopo principal de nossa tese estará no estilo de escrita peculiar de James Joyce, naquilo que tem de exemplar de uma escrita ao modo lacaniano, tecendo as relações possíveis com a escrita de Schreber, consagrado no estudo das psicoses ao ser referido como o caso para dizer sobre o tratamento possível da psicose no campo psicanalítico. Com o escritor irlandês, trata-se não apenas de trazer suas coincidências com a noção original de escrita em Lacan, mas especialmente dar um passo além desse *possível* no tratamento da paranoia que nos conduziu a elaboração da metáfora delirante nos moldes schreberiano.

A obra de Joyce, reconhecidamente autobiográfica, impõe uma decomposição da língua a tal nível que não é possível mais sustentar a emergência de uma significação inequívoca com o uso que ele faz da materialidade do significante. Para Lacan, “sem dúvida, há uma reflexão aí no nível da escrita, em outras palavras, é por intermédio da escrita que a fala se decompõe [...] impondo-se como tal, ou seja, em uma deformação que permanece ambígua saber se é de se libertar do parasita falador ou, ao contrário, de algo que se deixa invadir pelas propriedades essencialmente fonêmicas da fala, pela polifonia da fala.” (LACAN, J. S23, 17/02/1976). No decorrer da escrita de seus livros, de *Stephen Herói* (1903³) a *Finnegans Wake* (1939), evidenciamos cada vez mais a preeminência justamente desta polifonia ao passo que se livra, gradualmente, do parasita falador, implicando, por sua vez, justamente um esvaziamento do sentido naquilo que escreve, e imprimindo um efeito enigmático, rendendo-lhe o título de escritor do enigma. Esse seu estilo, considerado por seus comentadores como experimentalista, será

³ *Stephen Herói* é uma obra postumamente publicada, em 1944, e, ainda assim, não integralmente, uma vez que parte dela também se encontra em um livro posterior *Um Retrato do Artista enquanto Jovem*. Todavia, especula-se que o início de sua escrita tenha sido no ano de 1903, mas posteriormente abandonada.

analisado, especialmente, em relação ao modo peculiar de escrita do nó borromeano em Lacan, que é senão o tratamento lacaniano para dar conta do Real, e, também, será posto em face da escrita schreberiana que leva à construção da metáfora delirante. Desta forma, teremos, como parâmetro, esses dois modos de escrita e suas implicações no “sucesso” terapêutico em ambos os casos. *Sucesso* deve ser aqui referido àquilo que podemos dizer sobre sofrer o menos possível: a construção da metáfora delirante, com o caso Schreber, e o *sinthome*, em James Joyce.

Isso posto, por fim, essa pesquisa pretende ligar o campo de nosso trabalho ao da saúde mental, uma vez que o *escrever* como um artifício terapêutico tem se constituído como parte da instrumentalização clínica da prática de profissionais de orientação psicanalítica em instituições públicas, especialmente, as que foram implementadas dentro do movimento da reforma psiquiátrica no Brasil. Então, é importante notar que esta reforma reconfigurou o quadro da assistência em saúde mental construindo novos centros de assistência, e essa reconfiguração expandiu de forma significativa a questão sobre o tratamento do sofrimento psíquico em instituições, especialmente o da loucura, a outros campos de conhecimento para além da medicina/psiquiatria. Assim, tratar a escrita como um recurso alternativo para atuação do psicanalista, considerando-o fazer parte do quadro profissional em instituições de saúde mental, advém da necessidade premente de avanços clínicos e teóricos a fim de não recuarmos frente à loucura. Além disso, a escrita como um artifício já tem se constituído como parte da instrumentalização clínica de profissionais de orientação psicanalítica lacaniana, especialmente, nas instituições públicas. Tem-se inúmeros trabalhos desenvolvidos que se fundaram em uma fecunda interseção entre a pesquisa psicanalítica nas universidades e o tratamento em instituições na área da saúde mental, conforme Rinaldi e Alberti (2009). É nessa mesma linha que se insere o desenvolvimento de nossa pesquisa.

2. Considerações finais: De Schreber a Joyce - entre a metáfora delirante e a (a)scrita do *sinthome*

Primeiramente, é preciso considerar que, se nos seus seminários anteriores Lacan centrou sua teoria em torno da formulação do Real como três necessário para que se constituísse o nó borromeano, no seminário 23, ele avançará introduzindo um quarto como elemento suplementar possível a essa sua teorização inicial. Se o nó de 3, RSI, se mostra suficiente para dar conta dos quadros clínicos da neurose e também lança luzes sobre o que ocorreria na psicose, ou seja, o fracasso desse nó, na inserção desse quarto elemento constata-se um avanço mais profícuo na sua teoria dos nós naquilo que concerne ao tratamento das psicoses, que não se restringe ao possível constatado na clínica psicanalítica, isso na medida em que a possibilidade de solução para a falha no nó seria justamente a invenção do *sinthome* como quatro. E isso pode ocorrer fora da análise.

Esse passo é possível na medida em que, nos seminários antecedentes (21 e 22, especialmente), teríamos que o sujeito, definido enquanto *parlêtre*, como vimos, conta apenas até 3, e essa é a condição para aferir-se enquanto ex-sistente ao nó. Todavia, a introdução desse quarto elemento na constituição do nó borromeano não se restringirá a esses últimos casos, a neurose, é toda a teoria lacaniana dos nós que é reformulada com isso. Apenas devemos considerar que, na psicose,

Não é que o Simbólico, o Imaginário e o Real, que definem *perversion* [a versão do pai] estejam rompidos, é que já são distintos, e que para supor um quarto, que é o *sinthome*, é necessário assumir tetraédico isso que faz o laço borromeano e que a *perversion* quer dizer apenas *version vers le père* [versão em direção ao pai], e que, em suma, o pai [*père*] pode ser um *sinthome* ou um *sinthome*. A existência do sintoma é o que está implicado na posição mesma que supõe esse elo - do Imaginário, do Simbólico e do Real - enigmático. Se encontram em algum lugar [...], isso que esquematiza a relação entre o Imaginário, o Simbólico e o Real como separados um do outro, [nesse caso,] vocês já têm no plano [...] a possibilidade de ligá-los pelo *sinthome*. (LACAN, sessão de 18 de novembro de 1975, tradução nossa)

Dessa forma, na psicose, a invenção do quatro seria o conserto possível para que o nó se constitua semelhante ao borromeano e com isso apresente as propriedades de tal, mas não implicando por isso que um sujeito ex-sista a essa nova estruturação do nó. Ainda assim, teríamos aqui um caso de psicose cuja

definição mereceria ser chamada de bem-sucedida, como Joyce mostra bem ser exemplo naquilo que Schreber fracassa.

Nesse momento, se faz mister entender que o *simbolicamente real* não é o mesmo que o *realmente simbólico*, uma vez que este último se definira como isso que de Simbólico está incluído no Real, o que só poderia ser mentira. Já o *simbolicamente real* seria o que há de Real no Simbólico, ou seja, a angústia. Assim sendo, podemos dizer que o *sinthome* vem a ser, então, isso que, ainda que Real, *funda* um “sentido” no simbólico, a partir do que a invenção se construirá. Por isso se demonstra ser via de estabilização do quadro psicótico, uma vez que é a única coisa possível de ter efeito similar ao do sentido naquilo que de Real venha a se apresentar. É por essa medida que Lacan não define o *sinthome* somente como invenção, mas também enquanto signo, o qual justamente ao passo que trata do Real se revelará como “*mas não isso*”, ou seja, a negação tomada como signo aqui nos remete a isso que pode ter efeito apaziguador à emergência do sentido. Para fazer notar as implicações da introdução do signo nesta sua formulação, é de suma importância resgatar a distinção deste em relação ao significante. Este último definido como introduzindo a pura diferença, isto é, por não conter a si mesmo, um significante pode ser caracterizado senão como aquilo que não é em relação ao conjunto dos demais significantes e, a partir dessa constatação, como efeito próprio da cadeia significante, pode-se também dizer que é aquilo que pode representar um sujeito para outro significante, dado não conter a si próprio. Já o signo vem a ser aquele que representa algo para alguém. Não há sujeito nesse nível aqui, sendo esse “alguém” o suporte do signo.

Assim, Lacan, no seminário *A identificação* (1961-1962), faz uma articulação semelhante: no lugar do par significante-sujeito, teremos signo-alguém, o que, em outras palavras, quer dizer que um alguém é o que é acessível a um signo, não se tratando de uma representação, o que caracterizaria, segundo ele, a forma mais elementar de subjetividade, uma vez que não há objeto. (LACAN, J. 06/12/1961). É justamente por isso que uma implicação primeira e necessária para o advento do significante é justamente que a relação do signo à coisa seja apagada e, essa transposição – através do apagamento da coisa - pode se dar de diversas maneiras, as quais, segundo Lacan (1961-1962), nos darão os modos de manifestação do sujeito propriamente ou não.

Em suma, a restrição da suposição do sujeito unicamente à função significante é fundamental para entender as implicações da introdução do signo na formulação lacaniana acerca do *Sinthome*, a saber: se o significante presentifica a diferença pura, o segundo terá como sua manifestação a negação, a qual aparecerá como signo ao passo que Lacan introduz “mas não isso” em sua formulação acerca do *Sinthome* como quarto elemento, enodando-se ao Simbólico, o Imaginário e o Real. É por isso que Lacan diz que:

[...] não poderia fazer melhor do que o [Joyce] nomear este *sinthome* - porque ele merece - pelo nome que lhe convém deslocando - como eu tenho dito - a ortografia [...]. As duas ortografias dizem respeito a ele. Mas é um fato que ele escolhe. No que, ele é como eu, um herege, porque a heresia é exatamente o que especifica o herege. Nós devemos escolher o caminho pelo qual tomar a verdade. Tanto mais que, uma vez feita a escolha, ela não impede que alguém a submeta à confirmação, isto é, de ser herege da maneira certa, alguém que de ter reconhecido a natureza do *sinthome*, não hesita em usá-lo logicamente, isto é, até alcançar seu Real, no final do que ele não estará mais com sede. (LACAN, sessão de 18 de novembro de 1975, tradução nossa).

O caráter excepcional da psicose em Joyce, que podemos considerar como bem-sucedida já que seu nó faz simulacro de borromeano, centra-se justamente naquilo que consegue fazer-se ilustre enquanto escritor do enigma, de uma forma tal que ele próprio se escreve enquanto um, ao passo que também como um bom herético, se trata não apenas de uma obra autobiográfica, mas que desde o início se pretende ser tomada aos cuidados de outro, a academia, como bem queria o próprio escritor. Em outras palavras, é uma escrita que não busca um acabamento de si, ou seja, um sentido, mas sim o seu deslizamento, e isso o constatamos nas inúmeras leituras possíveis que academia até os dias de hoje nos deram e continuam a fazê-lo. Sempre se pode ler mais na obra joyciana, porque ele (a)screve tal como Lacan o alcançou, aproximadamente 50 anos após, com a escrita do nó borromeano: é uma (a)scrita do Real enquanto estrutura na qual as palavras e múltiplos sentidos podem se alojar.

Ao empregar um novo termo, o *sinthome*, o próprio Lacan aponta que, no caso de Joyce, trata-se de outra coisa que não o sintoma tradicional analítico forjado a partir de uma experiência de análise. Isso tudo nos leva a compreender que não é sem razão que Lacan não seguiu com Schreber, o qual, até então, ao menos em

seus seminários⁴ era o caso clássico quando precisava recorrer à psicose em suas formulações teórico-clínicas. Uma possibilidade é que Schreber não teve sucesso em inventar propriamente um *sinthome*, resguardando-lhe mesmo a solução via metáfora delirante. Desse modo, não há motivo para não considerar que ele nos apresenta essas duas soluções como distintas no quadro psicótico. Isso porque, no decorrer de seu ensino, temos noções que vão sendo reformuladas, mas não se trata nesta situação disso: há uma ruptura importante quando Lacan apresenta o *sinthome* como quarto elemento, no caso Joyce, a ponto de interrogar-se sobre se tratava-se, de fato, de um psicótico: a solução pelo *sinthome* imprime algo distinto daquilo que se sucede com a metáfora delirante, uma vez que com esta última, dificilmente, ter-se-ia dúvida sobre se tratar de um quadro psicótico.

Retomando o caso Schreber, a sua solução é se render àquilo que o Outro, figurado por Deus em seu sistema delirante, quer dele e fazer disso a sua própria missão, a saber: a sua emasculação como meio de alcançar o seu propósito missionário, sendo a mulher que será fecundada pelos raios divinos e dará origem a uma nova raça. Toda a trama de seu livro de memórias culmina com esse desfecho missionário, o qual, ao menos, como os relatos biográficos atestam, tem um efeito de estabilização do quadro. Em relação àquilo que Schreber escreve, as possibilidades de leituras não são extensivas; muito contrariamente, o jurista não supõe saber em qualquer outro: é ele próprio quem deve levar aquilo que lhe foi revelado ao mundo. Ele não sustenta o enigma como Joyce em sua obra, o qual remete ao outro, à academia, os possíveis desvelamentos sobre si, porque não há absolutamente como dizer que sabia ou mesmo que havia resposta enunciáveis para os enigmas que forjava em suas obras.

O caso Schreber nos demonstra que a sua emasculação como resposta é o que lhe mais provoca sofrimento, ao menos inicialmente, porque a sua melhora virá quando se dá a sua reconciliação com sua transformação em mulher. A dificuldade maior estará muitas vezes não apenas na resposta ao enigma imposto, mas também na manutenção desta como solução apaziguadora por muito tempo. As recaídas são consideráveis quando se trata da solução pela metáfora delirante. Schreber, por exemplo, morre em um sanatório e, sobre essa internação, não há relatos sobre se a missão de emasculação se manteve ou não até a sua morte. Enquanto isso, no

⁴ Isso porque, apesar da Aimée, Marguerite Anzieu, ter sido a primeira psicótica a ser analisada em suas produções, ela não é referenciada em seus seminários senão em pequenos enxertos

escritor irlandês, é o significante que vem jogar com o significado. E isso se faz através do uso que Joyce faz da língua, tornando-a, especialmente, em seus últimos livros, quase ilegível. Ele rompe frequentemente a barreira, inclusive, daquilo que se manifesta muito correntemente, dos neologismos, produzindo mais efeito antes de tudo enigmático, ali onde o leitor esperaria um significado. Desta forma, isso que ele escreveu pode ser lido em uma grande variedade de formas e com dificuldades, ou, como em muitas passagens, não se lê. Por isso também o surgimento de tantos comentadores sobre sua obra atestam a dificuldade de leitura quando não se parte de um esquema prévio: isso fica constatado em *Ulisses* com a criação dos esquemas de Stuart Gilber e Carlo Linati para o leitor situar-se minimamente na tentativa de leitura de *Ulisses*.

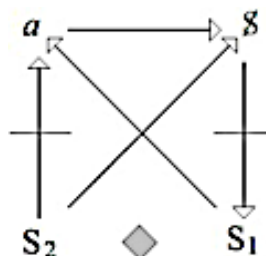
Ainda que o primeiro esquema (uma tabela de cores, técnicas e órgãos do corpo) tenha sido confeccionado pelo próprio Joyce (o de Linati), nele o escritor não mostra claramente as relações entre os modos de escrita usados e propriamente o que escreve, ou seja, ainda assim, é preciso sustentar uma amarração em um suposto sentido em Joyce, e, com isso, ele mantém a dimensão enigmática sem dar garantia alguma de que, de fato, há uma resposta ou mesmo que ele a tem.

É por essa via que a escrita de Joyce consegue operar da mesma forma que a escrita laciana dos nós, na medida em que, naquilo que se faz, ela não é apenas esvaziamento de sentido, mas, ao sustentar-se como enigma, deixa traços, que se mostram como apenas *direção* de leitura. Nesse aspecto, é importante considerar que a noção de direção no nó (enquanto levrógiro e dextrógiro) só advém na consideração de um terceiro, o Real, ao se pôr como registro limite ao Simbólico e ao Imaginário, naquilo que a copulação destes dois últimos engendraria o sentido, de forma que essa *direção* vem com o invenção do Real aí, nisso que a letra, ao se situar como borda, suportaria o isolamento da função de fonação e esvaziamento do sentido. Em outras palavras, a operação de isolamento da fonação, suportada pela letra, só pode senão se fundar a partir do nó de três, ou melhor, como ex-sistência a este e, é nisso que a obra joyciana nos dá testemunho.

Assim, na (a)scrita de Joyce, especialmente, se considerarmos a sua última obra, *Finnegans Wake* (1939), o jogo com os equívoco se dá em tal nível que não se consegue fixar um sentido inequívoco, ou seja, há algo de asemântico, mas que por isso apresenta um efeito, a saber, de gozar da língua. Isso é revelador como parâmetro também em uma experiência analítica, se nos recordarmos que, como

analista, trata-se de fazer com o analisante tenha prazer em dizer a verdade, então, a psicanálise em certa medida também dá mostras desse gozo da língua em sua prática corrente através da fala, mas naquilo que nessa podemos repercutir as propriedades da (a)scrita.

Então, desta forma, trata-se do prazer de Joyce nesse gozo da língua em vez de ser prisioneiro dela como Schreber atesta no final com a solução via metáfora delirante, a qual lhe garante um casamento entre o imaginário e simbólico, engendrando um efeito de sentido, mas ao custo de sua liberdade porque ali ao fracassar em inventar o Real como impossível, sem sentido, ele se torna prisioneiro. Em algumas passagens, temos até relatos seus sobre isso que foge do sentido, como o ritornelo, espécie de repetição de refrãos estereotipado sem sentido, ou ainda, nas falas sem sentido dos pássaros, mas o jurista não consegue articular de alguma forma isso que seria da ordem da letra. É isso que encontramos na arte de Joyce, tal como em Lacan, seja através dos grafos, matemas e fórmulas, e mais acentuadamente na escrita do nó. Como exemplo mais claro, podemos tomar que a estruturação de um discurso não é feita apenas por quatro letras (a, S1, S2, \$), temos também mais 5 traços que religam as letras, duas barras e \diamond , símbolo da impotência.



Estrutura do discurso: letras em articulações

A tessitura dessas relações será decisiva para o tratamento. É preciso articular ainda assim esse impossível e, é nesse nível, que situamos a (a)scrita. Em suma, quando se segue na via dessa metáfora, não haverá buraco que não seja possível ser tamponado aí porque todo o sistema delirante, em Schreber, dá provas de sua readequação. Então, se escrevermos o nó schreberiano teríamos o seguinte:

Figura 1. Nó com falhas nos ponto de intersecção entre S e I, e S e R.

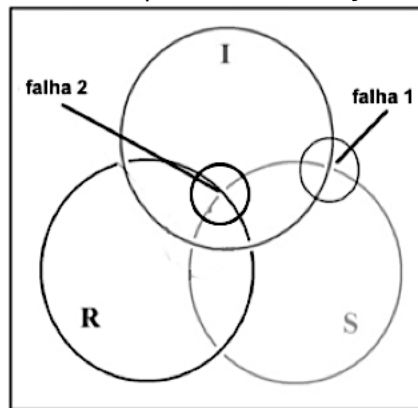
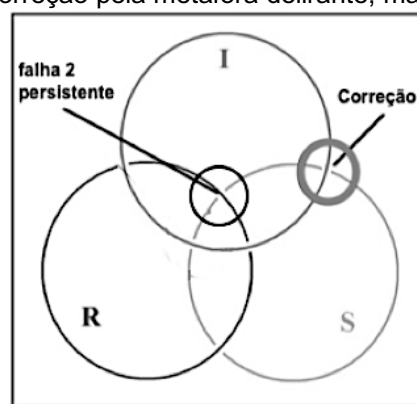


Figura 2. Nó com correção pela metáfora delirante, mas deixando o R livre.



Constatamos uma correção na falha 1 que ligaria o Simbólico ao Imaginário porque temos a garantia de um sentido, ainda que delirante, mas que não tem sucesso em enodar-se com o Real, motivo pelo qual esse insiste em sucessivos momentos de sua vida, como já relatamos na cronologia de suas crises e seu término no sanatório. De tal forma, que a correção não tem sucesso em fazê-lo um nó semelhante ao borromeano, porque o Real aí está livre, ou seja, não foi inventado como necessário seria tal como temos em Joyce. Isso está longe de implicar que o jurista não sofra as incidências desse Real que não se enoda com os outros dois registros; justamente o contrário, vemos um gozo ainda mais mortífero no culto à volúpia feminina e em sua emasculação, ainda que tenham, ao menos no momento final de escrita de suas memórias, sido relatados como uma reconciliação apaziguadora.

Desta forma, isso que Joyce tem sucesso é na emancipação da significação do discurso ao colocar a língua a seu serviço, a exemplo da introjeção de múltiplas línguas em sua escrita, garantindo-lhe acertadamente a correspondência com o *sinthome*.

A partir disso, podemos ponderar que, em uma análise, cabe-nos mais acentuarmos a função do *dizer*, antes que do falar. Essa é uma ideia também defendida pela psicanalista francesa Colette Soler, em seu livro, *Lacan, lecteur de Joyce* (2015), segundo esta psicanalista, Lacan começa a desenvolver essa tese a partir *O Aturdido* (1973), publicado nos *Escritos*. Isso porque o *dizer* conjugaria aquilo que de fato é efetivo como cura, uma vez que implicaria sempre a existência ao nó borromeano, seja pela fala ou não. E aqui precisamos reforçar que não se tratará de qualquer outra via, como a da escrita corrente atrelada à fonação significativa, mas antes, a exemplo de Joyce e do nó borromeano lacaniano, a que consegue ter alcance tal que enoda os três registros.

Segundo Soler, essa introdução do dizer é importante porque precisa a eficácia da palavra, ao interrogar se seriam os enunciados ou o fato de dizê-los que produziram os efeitos terapêuticos na clínica, uma vez que está sempre colocado a todos a opção de se calar. Então, Joyce se faz mister para o avanço no ensino lacaniano não apenas porque escreve – e isso não é difícil de se constatar se consideramos outros escritores sucumbem à psicose, ou seja, não basta escrever –, mas pela maneira como ele se serviu das propriedades exclusivas da escrita para conseguir por ela um efeito do *dizer* enquanto *evento* ao (a)screver. Ressaltamos, neste momento, que isso não inviabiliza o argumento que segue na via do *savoir-faire*, isto é, do Joyce como artífice, trata-se apenas de acrescentar aqui um fator que extrapola propriamente o dispositivo analítico quando consideramos essa ordem do dizer que faz evento, porque ele instituiu como necessário um fazer aí, e arte joyciana é isso que o escritor irlandês faz sem o saber.

Por isso Lacan (1976) emprega o termo *art-dire* (arte-dizer) para esse caso. Assim, a (a)scrita de Joyce testemunha isso que se percebe desde Freud, já em *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (1907), por exemplo, como os escritores se mostram estar não apenas ligados ao que se passa em uma experiência analítica, mas, muitas vezes, à frente desta, uma vez que é preciso admitir que Joyce não teria o que fazer em um divã e isso Lacan prontamente admite. Tratar-se-ia justamente do contrário: o tratamento psicanalítico da psicose precisa tomá-lo como novo paradigma, ainda que isso force um avanço difícil, pelas razões que elencamos, já que aqui estaríamos adentrando na via de um *savoir-faire*. Todavia, ainda assim será significativo para uma prática psicanalítica fundada apenas na

elaboração da metáfora delirante *forçar*, em certa medida, nos casos de psicose, seu casamento com a arte da (a)scrita.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, R. M. (1966). **James Joyce, Common Sense and Beyond**. Nova York: Ed. Random House.
- ALLOUCH, J. (2007). **A Clínica do Escrito** (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (2007). **A Clínica do Escrito** [*Lettre pour lettre*] (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (1997). **Paranoia: Marguerite ou a “Aimée” de Lacan** (D. D. Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- _____. (2012). **Prisonniers du grand Autre - L'ingérence divine I**. Paris : Epel.
- _____. (2013). **Schreber théologien. L'ingérence divine II**. Paris : Epel.
- _____. (2015). **Une femme sans au-delà. L'ingérence divine III**. Paris: Epel.
- BIRMAN, Joel (2003). **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo. **Panorama do Finnegans Wake**. 3a ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986
- COSTA, Ana (2001). **Corpo e Escrita**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- _____. (2006). **Sonhos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (2010). **Clinicando - Escritas da Clínica Psicanalítica**. Porto Alegre: Appoa.
- _____. (2015). **Litorais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Escuta.
- DERRIDA, J. (1973). **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1991). **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras.
- _____. (1995). **A escrita e a diferença**. São Paulo: Perspectiva.
- ELLMANN, Richard (1989). **James Joyce**. Trad. Lya Luft. São Paulo: Globo.
- FINK, Bruce, (1998). O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

FREUD, Sigmund (1900-1901). A interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos (1900-1901) (Volume V) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 24 v. 2ª edição. Rev. trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago.

_____. (1900). A interpretação dos Sonhos (I) (1900) (Volume IV) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 24 v. 2ª edição. Rev. trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago.

_____. (1905). Um caso de Histeria: Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905) (Volume VII) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. 24 v. 2ª edição. Rev. trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago.

_____. (1911/2010). Observações Psicanalíticas sobre um caso de Paranoia [dementia paranoides] Relatado em Autobiografia. In **Observações Psicanalíticas sobre um Caso de Paranoia Relatado em Autobiografia [“O Caso Schreber”], Artigos sobre a Técnica e Outros Textos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 13-107). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1911)

_____. (1913/2012). O interesse da psicanálise. In **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 328-363). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1920/2010). Além do princípio do prazer. In **História de uma neurose infantil [“O homem dos lobos”], Além do princípio do prazer e Outros textos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1921/2011). Psicologia das massas e análise do eu. In **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1923/2011). O Eu e o Id. In **O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Trabalhos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1924/2011). A perda realidade na neurose e na psicose. In **O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Trabalhos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 214-221). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1924/2011). Neurose e psicose. In **O Eu e o Id, “Autobiografia” e Outros Trabalhos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 176-183). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1933/2010). 34 - Esclarecimentos, explicações, Orientações. In **O Mal-estar na Civilização, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos** (P. C. Souza, trad.) (pp. 294-320). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1933)

_____. (1909/2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”, 1909]. In **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e Outros textos.** (P. C. Souza, trad.) (pp. 9-85). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1910/2013). Sobre o sentido antitético das palavras primitivas. In **Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e Outros textos.** (P. C. Souza, trad.) (pp. 232-240). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1916/2014). Traços arcaicos e infantilismo dos sonhos. In **Conferências introdutórias à psicanálise.** (P. C. Souza, trad.) (pp. 216-232). São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1916/2014). Incertezas e críticas. In **Conferências introdutórias à psicanálise.** (P. C. Souza, trad.) (pp. 248-263). São Paulo: Companhia das Letras.

JOYCE, James (1914/1998). **Dublinenses.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

_____. 1916/2016). **Um retrato do artista quando jovem.** São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1922/2011). **Ulisses.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

LACAN, J. (1931). **Structura des psychoses paranoïaques.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/documents/1931-07-07.doc>>. Acesso em: 1 de outubro, 2012.

_____. (1945/1998). O tempo lógico e asserção da certeza antecipada. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 197-213.

_____. (1946/1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In **Escritos** (pp. 152-194). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1948/1998). A agressividade em psicanálise. In **Escritos** (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1953/2003). Discurso de Roma. In **Outros Escritos** (pp. 139-172). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In **Escritos** (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1955/1998). A coisa freudiana. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 402-437.

_____. (1955/1998). O seminário sobre “A carta roubada”. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 13-66.

_____. (1955-1956). **Séminaire III, Les structures freudiennes de la psychose: Sessão de 16 de novembro de 1955**. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1955.11.16.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1955-1956). **Séminaire III, Les structures freudiennes de la psychose: Sessão de 30 de novembro de 1955**. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1955.11.30.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1955-1956). **Séminaire III, Les structures freudiennes de la psychose: Sessão de 7 de dezembro de 1955**. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1955.12.07.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1955-1956). **Séminaire III, Les structures freudiennes de la psychose: Sessão de 14 de dezembro de 1955**. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1955.12.14.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1955.12.14.pdf>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1955-1956). **Séminaire III, Les structures freudiennes de la psychose: Sessão de 11 de janeiro de 1956**. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1956.01.11.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1955-1956). **Séminaire III, Les structures freudiennes de la psychose: Sessão de 31 de maio de 1956**. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireIII/1956.05.31.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1955-1956/2008). **O seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In **Escritos** (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1956-1957/1995). **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1957-1958/1999). **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 591-652.

_____. (1958/1998). A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 692-703.

_____. (1958/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível na psicose. In **Escritos** (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1960a/1998). Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e a estrutura da personalidade". In **Escritos** (pp. 653-691). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1960b/1998). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In **Escritos** (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 29 de novembro de 1961.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1961.11.29.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 06 de dezembro de 1961.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1961.12.06.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 13 de dezembro de 1961.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1961.12.13.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 20 de dezembro de 1961.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1961.12.20.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 10 de janeiro de 1962.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.01.10.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 24 de janeiro de 1962.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.01.24.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 28 de fevereiro de 1962.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.02.28.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 28 de março de 1962.** Disponível em: <http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.03.28.pdf>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 02 de maio de 1962.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.05.02.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 09 de maio de 1962.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.05.09.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 16 de maio de 1962.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.05.16.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 30 de maio de 1962.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.05.30.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 13 de junho de 1962.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.06.13.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1961-1962). **Séminaire IX, L'identification: Sessão de 20 de junho de 1962.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1962.06.20.pdf>>. Acesso em 25 de março de 2015.

_____. (1962-1963/2005). **O seminário, livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1964/2008). **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1966/2003). Apresentação das *Memórias de um doente dos nervos*. In **Outros Escritos** (pp. 219-223). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1965-1965). **Séminaire XIII, L'objet de la psychanalyse: Sessão de 1 de dezembro 1965.** Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1965.12.01.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

_____. (1965-1965). **Séminaire XIII, L'objet de la psychanalyse: Sessão de 8 de dezembro 1965.** Disponível em: <<http://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/1965.12.08.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

_____. (1965-1965). **Séminaire XIII, L'objet de la psychanalyse: Sessão de 15 de dezembro 1965.** Disponível em: <<http://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/1965.12.15.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

_____. (1965-1965). **Séminaire XIII, L'objet de la psychanalyse: Sessão de 22 de dezembro 1965.** Disponível em: <<http://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/1965.12.22.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

_____. (1967). **Petit discours aux psychiatres.** Disponível em: < <http://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-11-10.pdf> >. Acesso em 25 de fevereiro de 2016.

_____. (1969-1970/1992). **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1971/2003). Lituraterra. In **Outros Escritos** (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1971). **Séminaire XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblante: Sessão de 17 de fevereiro de 1971.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanianne.net/stenos/seminaireXVIII/1971.02.17.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1971). **Séminaire XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblante: Sessão de 10 de março de 1971.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanianne.net/stenos/seminaireXVIII/1971.03.10.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1971). **Séminaire XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblante: Sessão de 12 de maio de 1971.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanianne.net/stenos/seminaireXVIII/1971.05.12.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1971). **Séminaire XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblante: Sessão de 9 de junho de 1971.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireXVIII/1971.06.09.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1971). **Séminaire XVIII, D'un discours qui ne serait pas du semblante: Sessão de 12 de junho de 1971.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireXVIII/1971.06.12.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1971/2009). **O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 13 de novembro de 1973.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 20 de novembro de 1973.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 11 de dezembro de 1973.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 18 de dezembro de 1973.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 8 de janeiro de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 15 de janeiro de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 12 de fevereiro de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 19 de fevereiro de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 12 de março de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão 19 de março de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 9 de abril de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 23 de abril de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 23 de abril de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 14 de maio de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 21 de maio de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1973-1974). **Séminaire XXI, Les non-dupes errent: Sessão de 11 de junho de 1974.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 15 de abril de 2016.

_____. (1972-1973/2008). **O seminário, livro 20, mais, ainda.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1975-1976). **Séminaire XXIII, Le Sinthome: Sessão de 17 de fevereiro de 1976.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireXXIII/1976.02.17.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1975-1976). **Séminaire XXIII, Le Sinthome: Sessão de 13 de abril de 1976.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/stenos/seminaireXXIII/1976.04.13.pdf>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1975-1976/2007). **O seminário, livro 23: o sinthoma.** (S. Laia, trad.; A. Telles, rev.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 16 de novembro de 1976.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 14 de dezembro de 1976.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 21 de dezembro de 1976.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 11 de janeiro de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 18 de janeiro de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 8 de fevereiro de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 15 de fevereiro de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 8 de março de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net> >. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 15 de março de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 19 de abril de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 10 de maio de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1976-1977). **Séminaire XXIV, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre: Sessão de 17 de maio de 1977.** <<http://ecole-lacanienne.net>>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. (1977). **Ouverture de la section clinique.** Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/documents/1977-01-05.doc>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2013.

_____. (1979/2003). Joyce, o Sintoma. In **Outros Escritos** (pp. 560-566). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

_____. (1998). De nossos antecedentes. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. pp. 69-76.

LÉTHIER, R. (2012) **Seminários Brasileiros, Roland Léthier** (Org. Falek, J.). Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/ebooks2010/es/Acervo_files/Seminarios-BrasileirosRoland.pdf> Acesso em: 2 de fevereiro de 2012.

PORGE, Erik (1998). **Freud/Fliess: Mito e quimera da auto-análise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

QUINET, A (2002). **Na mira do Outro: a paranoia e seus fenômenos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

QUINET, A (2006). **Teoria e clínica da psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ROUDINESCO, E., & PLON, M. (1998). **Dicionário de Psicanálise** (R. Vera, L. Magalhães, trad.; M. A. C. Jorge, superv.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

ROUSSEAU, J.J.(1962). Ensaio Sobre A Origem das Línguas. In: **Obras J.J. Rousseau, vol, II**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo, 1962.

SAUSSURE, F. (1974). **Curso de linguística geral**. 6ª ed. São Paulo: Cultrix.

SCHREBER, D.P. (1905/1984). **Memórias de um doente dos nervos** (M. Carone, trad. e org.). Rio de Janeiro : Edições Graal. (Trabalho originalmente publicado em 1905)

SOLER, Colette (1989). **A clínica do Real**. Revista da Clínica Freudiana. Ed. Jul-set.1989.

_____. (1991). **Artigos Clínicos**. Salvador: Fator, 1991

_____. (1998). Amar seu sintoma. In: **A psicanálise na civilização**. Rio de Janeiro: Contra Capa. pp. 391-415.

_____. (1998). A literatura como sintoma. In: **A psicanálise na civilização**. Rio de Janeiro: Contra Capa. Pp. 13-20.

_____. (2007). **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro : Cia. de Freud.

_____. (2012) **Lacan: o inconsciente reinventado**. Rio de Janeiro : Cia. de Freud.

_____. (2015). **Lacan, lecteur de Joyce**. Paris: PUF.